

A LINGUAGEM ORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões sobre a prática pedagógica

Taiane Passos da Silva ¹

Helena Santiago dos Santos de Sant Anna ²

Andréa Pessôa dos Santos ³

Eixo temático 4: Alfabetização e Infância

Resumo: O artigo tem a finalidade de apresentar a revisão de literatura de uma pesquisa em andamento no curso de Pedagogia da UERJ/FEBF, intitulada: “A linguagem oral na educação infantil: reflexões sobre a prática pedagógica”. O objetivo geral da pesquisa é refletir sobre aspectos do processo de apropriação e desenvolvimento da oralidade de crianças pequenas na educação infantil, a partir da análise de práticas pedagógicas. O estudo visa analisar, mais especificamente, como a prática pedagógica, implementada na educação infantil (EI), impacta o processo de apropriação e desenvolvimento da oralidade de crianças bem pequenas (0 a 3 anos) de uma creche pública na Baixada Fluminense (RJ). Nesta direção, traçamos, inicialmente, algumas indagações: o que as pesquisas acadêmicas vêm destacando sobre o trabalho docente com a linguagem oral no contexto da EI? Como as pesquisas avaliam o impacto da prática pedagógica nos processos de apropriação e desenvolvimento da oralidade de crianças pequenas no contexto da EI, e mais especificamente na creche? Com o propósito de refletir sobre tais questões, apresentamos neste artigo a revisão de literatura realizada a partir dos artigos publicados nos anais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd. Alicerçadas no referencial teórico metodológico de Bakhtin (1992), compreendemos que os discursos produzidos nos artigos da ANPEd se inserem numa cadeia de discursos acadêmicos que vêm problematizando as atuais relações que ainda se estabelecem entre a linguagem oral, a infância e as práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Linguagem; Oralidade; Educação Infantil; Prática Pedagógica.

Introdução

Entendendo que a linguagem oral é uma modalidade da linguagem verbal, e uma das primeiras formas de interação das crianças pequenas na comunicação discursiva, buscamos

¹ Graduanda em pedagogia pela UERJ/FEBF. contato: 1996.taiane.17@gmail.com

² Graduanda em pedagogia pela UERJ/FEBF. contato: helenasantigosantanna@gmail.com

³ Professora Adjunta UERJ/FEBF. contato: a.pessoas70@gmail.com

refletir sobre o impacto que as práticas pedagógicas vêm provocando nos processos de apropriação e desenvolvimento da linguagem verbal oral na educação infantil (EI), e mais especificamente na creche.

Antes mesmo do nascimento, as crianças estão imersas em linguagem, pois já são faladas por seus pais, familiares, amigos e pessoas em geral. São falas que, segundo Goulart e Mata (2016), “(...) são permeadas por valores, alegrias, incertezas, preocupações, medos – desejos expressos e desejos calados”. Assim, considerando que a linguagem verbal, sobretudo em sua modalidade oral, tem uma importância imperativa na constituição de nossas vidas, entendemos que as investigações sobre o trabalho com a linguagem oral em espaços pedagógicos é de grande interesse para os estudos acadêmicos.

Não nos é possível abordar aqui, com densidade, nossa compreensão de questões relevantes que cercam o debate sobre apropriação e o desenvolvimento da linguagem oral na infância. No entanto, vale notar que tais questões serão apresentadas na conclusão do trabalho acadêmico em andamento. Neste sentido, convém destacar que buscamos estabelecer um aprofundamento inicial do nosso conhecimento sobre os aspectos substantivos da temática tratada a partir da realização de uma revisão de literatura.

Para tanto, realizamos a revisão de literatura com base nos artigos publicados nos Anais das reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação de Pesquisa e Educação (ANPEd), em particular no “Grupo de Trabalho Educação de Crianças de 0 a 6 Anos (GT 07)” e no “Grupo de Trabalho Alfabetização, Leitura e Escrita (GT 10)”, no período de 2009 até 2019, e nos Anais do CONBALf - Congresso Brasileiro de Alfabetização no mesmo período.

A revisão de literatura teve como elementos de busca os seguintes descritores: “Linguagem”, “Oralidade”, “Educação Infantil”, “Creche”, “Infância” e “Prática Pedagógica”. No estudo acadêmico completo apresentamos a revisão realizada nas duas bases de dados anunciadas. No entanto, apresentaremos aqui apenas o levantamento feito nos anais das reuniões da ANPEd. Assim, articulando os descritores elencados que se encontravam presentes em títulos, palavras-chave e/ou no corpo dos resumos publicados, encontramos apenas 06 (seis) artigos compatíveis, 01 (um) no GT 10 e 05 (cinco) no GT 07.

A análise do conjunto de artigos encontrados nos possibilitou construir uma visão abrangente dos debates empreendidos no atual cenário acadêmico sobre a temática investigada. Assim, apresentaremos os aspectos substantivos destacados nos artigos que reunimos.

Apontamentos do discurso acadêmico: o trabalho docente e a linguagem oral no contexto da EI

No primeiro artigo, Paiva (2019) define como objetivo central de sua pesquisa debater questões do desenvolvimento da linguagem oral no que diz respeito ao trabalho de professores com bebês e crianças pequenas no contexto da creche. No artigo, a autora destaca o valor que há no desenvolvimento da linguagem oral na EI, uma vez que são nos primeiros anos de vida que ocorrem o processo de apropriação da oralidade.

A pesquisa foi realizada em um centro de EI no ano de 2015. Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foram: um questionário com perguntas fechadas, entrevistas semiestruturadas e observações das atividades realizadas em três turmas de creche pelas suas respectivas professoras. Partindo do princípio de que a apropriação da oralidade deve ser estimulada de modo intencional no trabalho docente com crianças pequenas, a autora chega à conclusão de que há uma necessidade de se aprofundar nesse assunto, abrindo um diálogo maior sobre o trabalho com o desenvolvimento da linguagem oral na EI nos estudos acadêmicos em âmbito nacional.

A autora ainda afirma que das três turmas acompanhadas apenas uma professora realizou um trabalho significativo e de qualidade no que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem oral, compatíveis com as concepções sociointeracionistas adotadas. Segundo Paiva (2019), as outras duas docentes não conseguiram reconhecer a importância da mediação no desenvolvimento da fala de seus alunos, acabando por fragilizar o trabalho com a oralidade das crianças daquelas turmas.

Em sua pesquisa, Costa (2009) analisa as práticas pedagógicas observadas em um centro de EI. O objetivo do estudo consistiu em investigar o trabalho com a linguagem oral realizado em duas turmas de EI. A pesquisadora realizou o levantamento do material de pesquisa utilizando a observação participante nas rodas de conversa com as crianças, registros em diários de campo, filmagens, fotografias (salas de aula e crianças) e entrevistas com os sujeitos envolvidos na pesquisa (professoras e crianças).

A autora se apoia nas concepções de linguagem de Bakhtin e na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky. Inicialmente, a pesquisadora descreve como se deu a interação verbal entre alunos e professora no decorrer das duas rodas de conversa observadas. Sendo, uma roda de conversa numa turma de crianças de quatro anos e a outra numa turma de crianças de seis anos.

Ao analisar as relações estabelecidas na primeira roda de conversa observada, a pesquisadora nota que a professora faz uso de um discurso denominado triádico (IRA), pois, ao longo de toda conversação, a docente fez recorrentes reformulações das questões até que

as crianças apresentassem a resposta que ela desejava ouvir. Apoiando-se em Compiani (1996), Costa (2009) nos esclarece que:

“(...) discurso tipo IRA” é uma forma interativa e de discurso que se estabelece entre professor/criança. Ele é “(...) um padrão discursivo muito comum em sala de aula, que se caracteriza pela seguinte seqüência: o professor inicia o intercâmbio, normalmente a partir de uma pergunta (I), a criança responde, o professor faz um comentário avaliativo (A)” (COSTA, 2009 *apud* MONTEIRO; TEIXEIRA, 2003, p.1).

Em razão das crianças não terem suas falas garantidas, ao longo da conversação estabelecida na roda, uma vez que suas falas eram cerceadas e desconsideradas pela professora, a autora destaca que os alunos tiveram dificuldades para elaborar e atribuir sentidos para a história lida: “*João e Maria*”. No entanto, a pesquisadora ressalta que, apesar de a professora tentar conduzir a produção de sentidos ao longo da conversação estabelecida na roda, as crianças construíram seus próprios sentidos sobre o texto, com um certo embaraço, mas conseguiram.

Para as análises da segunda roda de conversa, Costa (2009) sinaliza como as interações verbais se deram de um modo a facilitar o diálogo efetivo entre a turma e a professora. Como suporte para o trabalho com oralidade, foi realizada uma dinâmica sobre a “*Declaração Universal do Direito das Crianças*”, onde os alunos reforçaram discursos estabelecidos pela escola e acabaram levando a interlocução para um outro lado não planejado pela professora.

Diante do ocorrido, Costa (2009) nos lembra que “(...) a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (2009 *apud* Bakhtin, 2004). Neste sentido, a pesquisadora destaca que as crianças já entendem o jogo discursivo, uma vez que elas sabiam o que devia ser dito a respeito da escola e do trabalho infantil, quando respondem à professora que escola é lugar de aprender e de fazer dever e que crianças não têm obrigação de trabalhar.

Em seu trabalho, Razuk (2019) objetiva pontuar a relação dialógica entre professor e crianças pequenas, bem como se estabelece a prática pedagógica com a apropriação da linguagem na creche. Sua pesquisa foi desenvolvida através de observações realizadas em uma turma de creche com crianças de dois anos.

Com base nos estudos de Vygotsky e Bakhtin, a pesquisadora assume a concepção do sujeito sócio-histórico que se constitui *na* e *com* a linguagem. Neste sentido, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, a linguagem verbal se constitui nas relações com os outros, logo, o contato estabelecido entre a criança e adulto ocorre a partir de relações de interações verbais entre o sujeito e os outros. Assim, a prática educativa com bebês e crianças pequenas

está comprometida em incentivar a apropriação da linguagem verbal, sobretudo a oral, a partir das interações verbais estabelecidas.

Razuk (2019), faz uma breve conclusão sobre os dois eventos do campo descritos no texto. Entre as possibilidades dialógicas para a prática das professoras, algumas se mostraram engajadas no diálogo com as crianças, oferecendo atenção às suas palavras e gestos, além de provocá-las com novas palavras e significados. Contudo, houve também, práticas que não evocavam nos alunos uma comunicação satisfatória para o desenvolvimento da linguagem oral. Ao analisar tal fato, a autora se vale do conceito bakhtiniano de *palavra autoritária*, ou seja, a palavra que reafirma o discurso imposto e se coloca de forma autoritária na comunicação discursiva.

Castro (2013), tendo como objetivo compreender como se dá o processo de apropriação da linguagem em bebês no contexto comum da EI, analisa uma turma de bebês entre sete meses a um ano e seis meses de idade. A autora se apoiou na concepção de linguagem da filosofia bakhtiniana e utilizou os seguintes procedimentos metodológicos: filmagem, fotografia e anotações em diário de campo. A pesquisa busca mostrar como acontecem as estratégias de comunicação discursiva durante o desenvolvimento e formação da linguagem *nos* e *entre* os bebês.

A autora descreve os momentos em que os bebês demonstram reações durante as interações. Castro (2013) faz todo um percurso de análises e reflexões acerca das atitudes dos bebês, até concluir que o desenvolvimento da linguagem acontece durante as relações dialógicas estabelecidas no cotidiano em que as crianças pequenas são expostas. Ela afirma que é através da interação dos bebês com o outro que se inicia o processo de apropriação da fala e que a linguagem oral vai ganhando espaço na comunicação das crianças de pouca idade.

A pesquisa de Berle (2013) tem por objetivo entender como a relação entre crianças e seus pares criam composições de mundo diferentes, a partir de uma reflexão pedagógica sobre a inseparabilidade que há entre educação, infância e linguagem. Com base nos autores Mélich (2012), Bárcena (2012) e Larrosa (2003), a autora afirma a responsabilidade que os adultos têm no trabalho com a linguagem na EI. Enfatiza a riqueza que há nas primeiras experiências da criança pequena, e o direito que ela tem de se apropriar da linguagem verbal nos espaços educativos. Busca assegurar também a compreensão de que a educação na infância é uma experiência transcendental, e de que a linguagem deve ser entendida como um processo de desenvolvimento e elaboração de sentidos para a vida.

O estudo de Alves (2015) se debruça na perspectiva bakhtiniana de linguagem para entender as práticas pedagógicas de desenvolvimento da linguagem verbal na EI. Para tanto, a pesquisadora analisou o discurso docente a partir de encontros com um grupo de

professoras da EI em formação continuada. As participantes apresentaram aulas práticas como demonstração do que costumam realizar em suas salas de aula. A autora parte da premissa de que, desde a primeira infância, a linguagem deve ser entendida como processo interativo e que possa ser tratada em sua proporção dialógica e expressiva.

A autora apresenta as análises feitas sobre os enunciados do grupo de professoras quanto às suas práticas de oralidade, leitura e escrita na EI. Sobre os primeiros discursos analisados, Alves (2015) aponta que as professoras entendem que o trabalho com linguagem oral ocorre especialmente nas rodas de conversa. No entanto, na conclusão de suas análises, a autora afirma que a roda de conversa não pode se prender a uma rotina engessada, deve ser entendida como um momento de atenção e de escuta das falas e dos sentidos que as crianças atribuem às suas vivências.

Considerações finais

A revisão de literatura nos possibilitou conhecer o que as pesquisas acadêmicas vêm destacando sobre o trabalho docente com a linguagem oral na EI. Tais trabalhos revelam o potencial que as relações sociais e culturais têm no desenvolvimento da linguagem oral. Em síntese, as pesquisas vêm avaliando que o impacto da prática pedagógica, nos processos de apropriação e desenvolvimento da oralidade de crianças pequenas no contexto da EI, depende das estratégias metodológicas utilizadas pelas professoras.

Os apontamentos feitos pelas autoras revelam que a prática pedagógica com a linguagem oral é executada de acordo com o conhecimento que as professoras têm sobre as especificidades do processo educativo da primeira infância. As professoras que compreendem a relevância do trabalho desenvolvido, consideram práticas que promovem atividades no sentido de ampliar o enunciado oral das crianças, reconhecendo a importância do diálogo e da fala em eventos culturais que vão aprofundar o conhecimento da criança pequena no encadeamento da comunicação discursiva.

A linguagem oral da criança está banhada pelas marcas de seus conhecimentos e seu grupo social de origem. Os modos de falar e de se expressar fazem parte da sua bagagem cultural. Ao entrar no espaço da creche, a criança que já domina muitos aspectos da língua, continua seu processo de aprendizagem da linguagem oral. O trabalho pedagógico deve ser pensado e planejado levando em conta os modos de falar e de expressar que a criança já domina.

Neste sentido, o professor possui considerável responsabilidade na garantia do desenvolvimento da linguagem oral e demais conhecimentos que são fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança. O professor, por meio de suas ações pedagógicas,

mediadas pela linguagem, deve oferecer experiências através das quais cada criança vai desenvolvendo suas funções psíquicas, proporcionando, assim, que ela compreenda, amplie e atribua sentidos ao mundo, aos outros e a si mesma.

Ainda sobre o processo de apropriação da oralidade, as autoras salientam que a comunicação das crianças pequenas se inicia através da observação de gestos, olhares, toques e sonoridades que estão ao seu redor, para mais tarde se transformar em sons e palavras. Desse modo, a apropriação da linguagem oral depende da participação cotidiana das crianças pequenas em comunicações discursivas diversas.

Quanto aos bebês que ainda não se apropriaram plenamente da linguagem oral, as pesquisadoras apontam a importância da participação ativa dos professores num diálogo permanente, onde haja conversa, mediação, acompanhamento e compreensão das linguagens sociais dos bebês.

Por fim, entendemos que a Educação Infantil é um lugar de encontros, e os encontros se fazem através de múltiplas linguagens. Sendo a linguagem oral a modalidade predominante da linguagem verbal, a prática pedagógica, nesta etapa da educação, deve oferecer possibilidades em que a criança possa contar e ouvir histórias, conversar, conceber novos sentidos que se estabelecem nas interações entre adultos e crianças que expressam seus desejos e opiniões sobre a vida.

Referências

- ALVES, Bruna Molisani Ferreira. **Linguagem e Educação Infantil: O que contam as Professoras sobre o Trabalho Pedagógico?** In: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 37, 2015, Florianópolis. Anais da ANPEd. Santa Catarina: GT07, ANPED, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT07-4507.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; OLIVEIRA, Zilma Ramos de. E o lugar da oralidade, da cultura escrita e da leitura na Educação Infantil? In: **Currículo e linguagem na Educação Infantil**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed. - Brasília : MEC /SEB, 2016. p. 32-36.
- BERLE, Simone. **Infância e Linguagem: Educar os Começos**. In: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 36, 2013, Goiânia. Anais da ANPED. Goiás: GT07, ANPED, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfstrabalhosaprovados/gt07trabalhospdfs/gt073422texto.pdf> . Acesso em: 15 jul. 2020.
- CASTRO, Joselma Salazar de. **A Constituição da Linguagem entre os e dos Bebês no Espaço Coletivo da Educação Infantil**. In: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 36, 2013, Goiânia. Anais da ANPED. Goiás: GT07, ANPEd, 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt07_trabalhos_pdf/gt07_3001_texto.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.

COSTA, Dania Monteiro Vieira. **O Trabalho com a Linguagem Oral na Educação Infantil**. In: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 32, 2009, Caxambu. Anais da ANPED. Minas Gerais: GT10, ANPED, 2009. Disponível em: 32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT10-5481. Acesso em: 15 jul. 2020.

GOULART, Cecília; MATA Adriana Santos da. Linguagem Oral e Linguagem escrita: concepções e inter-relações. In: **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica-1.ed. - Brasília: MEC/SEB, 2016. p. 43-73.

PAIVA, Ana Carine dos Santos de Sousa. **O Desenvolvimento da Linguagem Oral de Bebês e Crianças no Contexto da Creche: Práticas Docentes em Debate**. In: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 39, 2019, Niterói. Anais da ANPED. Rio de Janeiro: GT07, ANPED, 2019. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos127>. Acesso em: 15 jul. 2020.

RAZUK, Rachel Martins Arenari. **“Deixa eu Abrir a Janela” – Encontros e Desencontros com Linguagem na Creche**. In: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 39, 2019, Niterói. Anais da ANPED. Rio de Janeiro: GT07, ANPED, 2019. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos49>. Acesso em: 15 jul. 2020.